



ACÇÃO SOCIALISTA

ENTREVISTAS



**JOÃO PROENÇA**  
SECRETÁRIO-GERAL  
DA UGT

// PÁGS. 8 E 9



**FLORBELA FERNANDES**  
PRESIDENTE  
MULHERES  
SOCIALISTAS  
DE ÉVORA

// PÁG. 10



**VÍTOR SOUSA**  
CANDIDATO  
À CM  
DE BRAGA

// PÁG. 12



**DINIS ACÁCIO**  
CANDIDATO  
À CM  
DO CADAVAL

// PÁG. 13

# PS AVANÇA COM MOÇÃO DE CENSURA

O PS apresentou uma moção de censura ao Governo na Assembleia da República. Uma iniciativa que pretende mostrar que há outro caminho face à dramática situação económica e social do país e que surge na sequência da deliberação unânime da Comissão Política

// PÁGS. 2 E 3



## AS PESSOAS ESTÃO PRIMEIRO

// PÁGS. 6 E 7

**XIX**  
CONGRESSO  
NACIONAL

- ▶ SUPLEMENTO MOÇÕES
- ▶ Eleição Secretário-geral
- ▶ Eleição Presidente Mulheres Socialistas

## Quente & Frio



### A ESCALDAR Censurar coligação da instabilidade e do falhanço

A coligação de direita e a sua política de austeridade custe o que custar falhou rotundamente em todas as frentes. Por isso, o PS decidiu apresentar, no Parlamento, uma moção de censura ao Governo que será discutida na primeira semana de abril. A moção traduz o novo consenso político e social que há em Portugal de que este Executivo falhou e deve sair, de que esta coligação da instabilidade e do falhanço divorciou-se de um país com um milhão de desempregados. Agora o PS bate-se para que a consumação do divórcio seja nas urnas e por mandato dos portugueses.



### QUENTE A oportunidade de se demitir

Enquanto o PSD fala em estabilidade, o seu parceiro de coligação pede uma remodelação governamental. Haverá maior instabilidade do que aquela que se evidencia quando uma maioria já não acredita no seu Governo? Mas o sintoma mais gritante de que o Governo acabou é o silêncio laranja relativamente às declarações feitas pelo porta-voz do CDS/PP sobre uma mexida urgente na equipa governamental. Será tempo de Pedro Passos Coelho aceitar a "oportunidade" de se demitir...



### FRIO Ex-espião do costume

O Governo determinou a criação de um posto de trabalho na Presidência do Conselho de Ministros para o "ex-espião" Silva Carvalho, envolvido no caso das secretas! O decreto assinado por Pedro Passos Coelho e Vítor Gaspar justifica que Silva Carvalho "preencheu os pressupostos de aquisição de vínculo definitivo ao Estado". Anda uma larga maioria preocupada com os novos comentadores televisivos, mas valerá a pena lembrar que Jorge Silva Carvalho está acusado de acesso indevido a dados pessoais, abuso de poder e violação de segredo de Estado...



### GELADO De bestiais a bestas

Portugal baixou para o 17º lugar no ranking da União Europeia Innovation Union Scoreboard 2013, relativamente à inovação das economias europeias, devido às políticas de austeridade cega deste Governo, passando para o grupo dos países considerados com crescimento moderado (moderate growers), por ter apresentado uma taxa de crescimento, entre 2008 e 2012, de 1,7%. De referir que em 2011, o nosso país tinha sido considerado um dos Innovation Growth Leaders (líder em inovação e crescimento, com uma taxa de crescimento superior a 5%). É caso para dizer: de bestiais a bestas! Fecham-se as portas para alguns passos...

# Tempo de Passos chegou ao fim

O PS culpa Pedro Passos Coelho pela crise política e económica que assola o país e de ter ignorado sistematicamente as propostas socialistas e de ter fechado a porta a um diálogo construtivo com o maior partido da oposição.

António José Seguro anunciou no último debate parlamentar com o primeiro-ministro que o PS vai apresentar uma moção de censura ao Governo.

O país, justificou o secretário-geral socialista, precisa de outro primeiro-ministro que "dê sentido aos sacrifícios dos portugueses" e que tenha voz na Europa para afirmar Portugal. Chegou o momento, disse, de os "verdadeiros patriotas" dizerem não a este Governo e à sua estratégia, porque o país "não está na direção e no caminho certo".

Insistir no erro de manter este Governo em funções é para o líder do PS não só uma atitude irresponsável, como ajuda a empurrar o país para o desastre.

Os portugueses, lembra Seguro, vivem momentos de um enorme dramatismo social e de um acentuado empobrecimento, um cenário que "está a conduzir Portugal para uma situação de um beco sem saída". O tempo deste primeiro-ministro defendeu, chegou ao fim.

Justificou por isso, a apresentação de uma moção de censura porque é necessário "mudar de caminho e construir uma saída para a crise", com disciplina e rigor orçamental, mas "colocando o emprego e o crescimento económico como prioridade".

Ao longo dos últimos 21 meses de governação o PS apresentou diversas propostas e medidas



JORGE FERREIRA

alternativas, tendo demonstrado sempre disponibilidade para colaborar com o Governo. A única atitude que o Partido Socialista recebeu por parte deste primeiro-ministro, acentuou Seguro, foi uma enorme hostilidade e uma rejeição sistemática das suas propostas, quer nos debates orçamentais. "Este primeiro-ministro esbanjou a oportunidade de um diálogo construtivo com o PS", disse.

### Falharam em toda a linha

O líder socialista acusou ainda o primeiro-ministro de ter faltado à palavra aos portugueses, por lhes ter pedido pesados sacrifícios anunciando-lhes em troca um défice orçamental de 4,5% e uma dívida pública de 113% da riqueza nacional. Terminado o ano de 2012 verifica-se que o défice foi de 6,6% e a dívida superior a 122%, o que veio provar, sublinhou o líder do PS, que o Governo esteve sempre longe de fazer a prometida consolidação orçamental.

Para António José Seguro, se

os resultados são maus, as consequências desta incompetência governamental "são dramáticas", com mais de um milhão de desempregados no final do ano, meio milhão dos quais sem qualquer apoio social, 40% dos jovens sem trabalho e um défice da Administração Central e da Segurança Social que atingiu em fevereiro passado 246,9 milhões de euros.

Por tudo isto, na opinião do secretário-geral do PS, o país precisa de outro primeiro-ministro, "disposto a renegociar o programa de ajustamento e a apresentar uma nova estratégia credível de consolidação das contas públicas".

Para Seguro, esta moção de censura anuncia um rutura com a política do Governo, e inicia, "sem pressas", a caminhada até às próximas eleições legislativas "sejam ou não antecipadas". Uma moção que, tal como salientou, "constituiu mais do que um ponto de chegada um ponto de partida para uma alternativa que mobilize os portugueses". ● R.S.A.

## ACÇÃO SOCIALISTA HÁ 30 ANOS



### 31 março de 1983 PS APRESENTA CEM MEDIDAS PARA CEM DIAS

A manchete da edição de 31 de Março de 1983 do "AS" era "PS apresenta cem medidas para cem dias". Em conferência de Imprensa, Mário Soares elencava cem medidas que os socialistas se comprometiam a implementar nos primeiros cem dias de governação, caso vencessem as legislativas. E que abrangiam cinco áreas: "Contra a corrupção no Estado e o crime nas ruas; "produzir mais para dever menos"; "Solidariedade na saúde, segurança social e habitação"; "Defender os direitos dos trabalhadores"; e "Mais estabilidade para os jovens na escola, no emprego e na vida". ●



# PS avança com moção de censura

O PS apresentou uma moção de censura ao Governo na Assembleia da República. Uma iniciativa que pretende mostrar que há outro caminho face à dramática situação económica e social do país e que surge na sequência da deliberação unânime da Comissão Política.

Por considerar que é preciso uma nova política. De rigor mas também de ambição. Que tenha uma visão para o país e que mobilize os portugueses. E também por entender que o atual Governo já não tem condições para se manter e que um novo Governo deve assumir como prioridade a renegociação das condições de ajustamento que resulte num amplo consenso da sociedade portuguesa, o PS apresentou uma moção de censura.

Em conferência de Imprensa, no dia 24, domingo, na sede nacional, o dirigente nacio-

nal João Ribeiro já tinha adiantado que o PS iria apresentar uma moção de censura, por considerar que o Governo “falhou todos os objetivos a que se propôs” e “está divorciado de um país com um milhão de desempregados”.

João Ribeiro referiu que esta iniciativa traduz “o novo consenso político e social” que há em Portugal de que “este Governo “falhou todos os objetivos”. E adiantou que “seria uma irresponsabilidade não apresentar esta moção que dá voz ao descontentamento que existe no país”.

## Instabilidade e falhanço

João Ribeiro considerou ainda que o atual Governo é a coligação da “instabilidade e do falhanço”.

E acrescentou: “O PS quer que esse Governo saia e que haja um novo Governo em Portugal, legitimado pelo voto dos portugueses”.

O secretário nacional do PS defendeu igualmente que o memorando assinado com a troika está “desajustado” e precisa de ser “redirecionado” para que o país possa sair do labirinto em que se encontra. ●

## PS RESPEITA COMPROMISSOS MAS DEFENDE OUTRO CAMINHO

O PS respeita os compromissos assumidos pelo Estado português, mas defende um caminho para os cumprir completamente diferente do que é seguido pelo Governo “ultra-liberal” PSD/CDS-PP, afirmou o dirigente socialista Miguel Laranjeiro.

“Uma coisa são os compromissos do Estado português, e esses nós cumprimos, outro é o modo, a forma e o instrumento para lá chegar”, defendeu Miguel Laranjeiro. O dirigente do Partido Socialista respondia assim às dúvidas manifestadas pelo secretário-geral do PCP sobre a importância de um partido com responsabilidades de governo honrar os compromissos do Estado português.

Segundo Miguel Laranjeiro, “entendia-se que

o PSD tivesse esse tipo de atitude, porque há um desespero na coligação, mas ninguém compreende que secretário-geral do PCP o faça”.

O deputado referiu que “o PS é muito claro” e “sempre disse e mantém que respeita todos os compromissos do Estado português, porque é um partido responsável”.

“Os compromissos são pagar a dívida, consolidar as contas públicas. A forma de lá chegar é que tem de ser diferente. O caminho que defendemos tem a ver com a renegociação das condições, dos prazos, dos juros, e também com a aplicação de uma agenda para o crescimento e emprego”, concluiu Miguel Laranjeiro. ●

“Infelizmente, a tragédia económica e social é hoje de tal forma significativa que até o representante do FMI para Portugal está surpreendido e chocado com o nível da recessão e do desemprego”

## EDITORIAL CENSURA É NÃO ACERTAR UMA!



Marcos Sá

[f marcos.sa.1213](#)  
[@marcossa5](#)

O Governo falhou todos os objetivos a que se propôs. Censura é não acertar uma! Este seria, por si só, motivo suficiente para apresentarmos uma moção de censura ao atual (des)governo, mas para além disso convém recordar que esta coligação jamais teve a humildade democrática de aceitar qualquer tipo de proposta alternativa apresentada pelo PS.

Infelizmente, a tragédia económica e social é hoje de tal forma significativa que até o representante do FMI para Portugal está surpreendido e chocado com o nível da recessão e do desemprego. Se nos tivessem ouvido e seguido o nosso caminho não estaríamos seguramente nesta tormenta.

A aposta no crescimento económico e o combate sem tréguas ao desemprego tem que voltar a ser uma realidade! Os números do desemprego são um dos pontos em que as previsões do Governo têm vindo a falhar sucessivamente. Na sétima avaliação da troika ao programa de ajustamento económico do país, os cenários revistos passaram a apontar para uma taxa de desemprego de 18,2% em 2013 e 18,5% em 2014. No Orçamento de Estado para este ano, a previsão era de 16,4%. Este Governo como ainda não está satisfeito com esta chaga social resolveu lançar um plano de “rescisões amigáveis” na Administração Pública! Para onde nos querem levar afinal!?

O nosso Congresso tem que ser a consolidação de uma alternativa política que corresponda aos principais anseios dos nossos cidadãos. Não temos que prometer nada, mas teremos que ser capazes de desbravar novos caminhos que nos garantam a coesão social e o desenvolvimento equilibrado do nosso país. ●



# O país está lançado numa tragédia

Nunca a democracia portuguesa conheceu um Governo com tanta insensibilidade social e arrogância. Perante o flagelo do desemprego, da falência crescente de empresas e da maior quebra da economia de que há memória, o Governo responde empobrecendo o país e desmantelando o Estado Social.

O líder socialista, António José Seguro, não tem dúvidas de que o país está ser conduzido para “uma catástrofe económica e social”.

Acusa o primeiro-ministro de ter violado o compromisso eleitoral que o elegeu para o cargo e de ser o principal responsável por ter mergulhado Portugal num cenário de espiral recessiva.

Na opinião de Seguro, é ao Executivo PSD/CDS-PP e à sua política cega de austeridade “custe o que custar”, que se deve assacar a responsabilidade de o país se deparar hoje com um número recorde de desempregados, perto de um milhão, de 40% dos seus jovens mais qualificados estarem sem trabalho, da economia ter recuado em 2012 perto de 3,2%, e do défice e da dívida estarem muito acima das sucessivas previsões do próprio Governo.

Críticas que estende a Bruxelas pela catástrofe económica e social que está a submergir Portugal, apontando o dedo acusador aos líderes europeus que acusa de serem “gente egoísta”. Exige à União Europeia um papel mais ativo na solução da crise e censura os líderes europeus pela forma como estão a enfrentar a crise, reiterando que são necessárias medidas mais rápidas e robustas e uma atitude política completamente diferente daquela que neste momento existe. Sustenta, por isso, a necessidade de soluções

comuns capazes de enfrentar os problemas com que o projeto europeu se depara.

Seguro lembra a este propósito que o PS desde o Congresso de Braga, há mais de ano e meio, que vem defendendo um caminho alternativo à política cega da austeridade a todo o preço, apontando o crescimento económico e as políticas ativas de emprego como a solução adequada para travar a degradação social e o empobrecimento, sustentando que um país que empobrece “não resolve um problema, só soma problemas aos que já existem”.

A opção do PS, recorda o secretário-geral, é a da mudança da política de austeridade do custe o que custar para uma política que alie o crescimento económico com a prioridade do emprego “e que o faça com disciplina e rigor orçamental”.

## Há alternativas

Contrariando a lengalenga dos partidos da maioria, o PS lembra que tem vindo de forma sistemática desde há mais de ano e meio, quer pela voz do seu secretário-geral, quer pela do líder parlamentar e de outros dirigentes do partido, a defender uma consolidação sustentável e credível do programa de ajustamento sem contudo, e ao invés da prática do Governo, “deixar nenhum português para trás”.

Entre um conjunto vasto de me-

didias defendidas pelos socialistas destaque para a necessária captação de investimento estrangeiro, para o fomento das exportações e de um programa de substituição de importações por aumento da produção nacional de bens e serviços transacionáveis, para a criação de um programa europeu de combate ao desemprego com um fundo de 100 mil milhões de euros para acudir a todos os países,

*“Este Governo mostra uma enorme insensibilidade social e uma arrogância política nunca vistas em Portugal”*

*“O PS há cerca de dois anos que vem defendendo um caminho alternativo à política cega de austeridade a todo o preço defendida por este Governo”*

criando na Europa um limite admissível para a taxa de desemprego, acima do qual os subsídios de desemprego sejam pagos pela União Europeia.

O PS defende ainda o lançamento de um programa de reabilitação urbana que privilegie a eficiência energética dos edifícios, e que, em virtude de existirem em Portugal muitas empresas com problemas de tesouraria e de pré financiamento para corresponder às encomendas, que passe a ser possível a captação de em-

préstimos dos sócios para que as empresas possam beneficiar das mesmas condições oferecidas pelos bancos, o que ajudaria, na sua perspetiva, ao reforço dos capitais próprios das empresas, e resolver problemas de tesouraria mitigando as transferências de recursos da economia para o sector financeiro.

Medidas que o PS tem a convicção que muito dificilmente po-

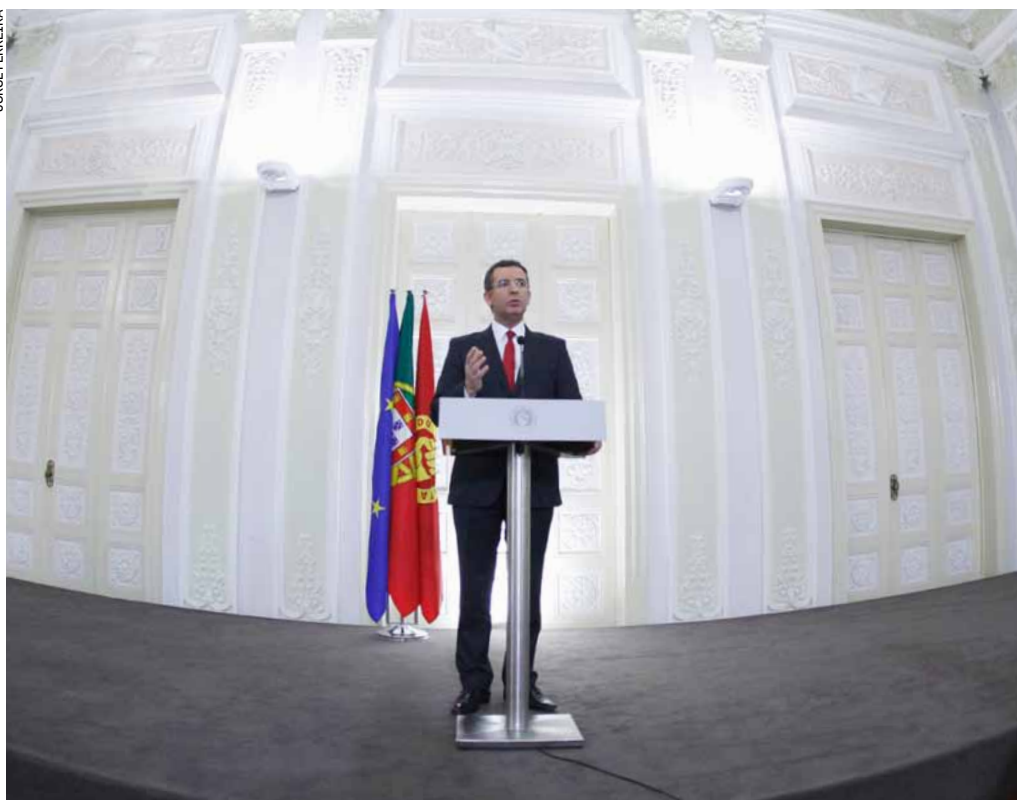
derão avançar enquanto à frente do Governo português estiver um primeiro-ministro que “em vez de se voltar para a solução dos problemas, prefere ir ao Parlamento defender a redução do salário mínimo nacional”, revelando assim o que há muito já se sabia, de ser o primeiro-ministro “com menos sensibilidade social”, desde o 25 de abril de 1974.

## PS tinha razão

A estratégia escolhida por Passos Coelho e Vítor Gaspar pa-

ra sair da crise falhou. Um canário para o qual o PS vem alertando desde o primeiro dia em que o Governo tomou posse. É agora necessário arrepiar caminho. Para o PS é inadiável trocar a política de austeridade sem horizonte por um caminho que concilie o crescimento económico com o rigor e disciplina orçamental. Avançar com a redução do IVA na restauração, aumentar o salário mínimo nacional e as pensões mais baixas. Medidas, entre outras, que necessariamente terão de estar enquadradas num acordo mais amplo e não em “pequenos ajustes” como mais um ano para a consolidação orçamental como acaba de ser aprovado pela troika, e que para o PS é uma iniciativa “insuficiente para enfrentar a grave situação do país”.

O Governo, lembra António José Seguro, vai agora ter mais tempo, “não porque fez as coisas bem-feitas, mas porque falhou”, lamentando a ausência de “sinais claros” de mudança do programa de ajustamento português. Se Portugal vai passar a beneficiar de mais tempo para cumprir as metas acordadas com os credores internacionais “devia usar esse tempo para corrigir os seus próprios erros”, advertiu. Seguro lembra que o Governo e a troika têm todos os dados para concluir que é preciso mudar de caminho, pois todos os indicadores “estão em cima da mesa”. ● R.S.A.



# Propostas do PS para sair da crise

O secretário-geral do Partido Socialista apresentou recentemente cinco novas propostas para parar com a “política de austeridade do custe o que custar”, que a maioria de direita PSD/CDS-PP, no Governo, está a levar ao limite do absurdo.

Medidas que, na perspetiva dos socialistas, serão capazes de estabilizar a economia, de criar mecanismos de apoio aos desempregados e de contribuir para a diminuição da dívida e do grave défice que assola o país e que muito poderiam concorrer para ajudar Portugal a arrancar para uma estratégia realista de crescimento económico.

Cinco novas propostas que para o Partido Socialista e para o seu líder, António José Seguro, permitiriam tornar sustentável o Estado, designadamente através do impulso de políticas públicas, garantindo em simultâneo mais economia e competitividade às empresas portuguesas.

Com o objetivo de estabilizar a economia, o PS propõe a redução do IVA para a restauração dos atuais 23 para 13%, o aumento do salário mínimo nacional e das pensões mais baixas, negociados na concertação social, e um plano de reabilitação urbana que dê prioridade à eficiência energética, com aproveitamento dos fun-

dos comunitários.

Quanto às medidas ligadas à consolidação orçamental, o PS defende mais tempo para consolidar o défice e mais tempo para pagar a dívida, um diferimento para o pagamento dos juros e juros mais baixos e, ainda, o reembolso dos lucros obtidos pelo BCE nas operações de compra de dívida soberana.

Para o PS, a política deste Governo falhou e a austeridade a todo o preço, tão do agrado do primeiro-ministro e do ministro das Finanças, “derrubou-se a si própria”.

O corte de quatro mil milhões de euros nas funções sociais do Estado que na opinião do PS iriam contribuir para aumentar a recessão económica e iriam gerar ainda mais desemprego não é, para o líder socialista, iniciativa aceitável, desafiando Passos Coelho a aceitar as cinco propostas socialistas.

## Há outro caminho

Com o lema “Há Outro Caminho”, o PS tem igualmente

vindo a apresentar ao país um conjunto de outras medidas no pressuposto de contribuir para tirar o país do fosso em que a maioria de direita colocou Portugal.

- Extensão do período de carência de reembolso das linhas de crédito já contratadas

- Criação de um fundo de capitalização para as PME com 3 mil milhões de euros

- Redução de 0,1% da taxa máxima de IMI dos imóveis até 250 mil euros, o que representa uma redução de 25% no imposto a pagar relativo a estes imóveis

- Criação de uma taxa de solidariedade sobre as PPP

- Eliminar a taxação em 5% dos subsídios de doença e 6% dos subsídios de desemprego

- Criar um linha de crédito BEI de 5 mil milhões de euros para financiamento das Pequenas e Médias Empresas

- Aumentar o tempo de subsídio social de desemprego por mais seis meses

Redução das taxas moderadoras das consultas nos Centros de Saúde para 3,80 euros. • R.S.A.



5

## PROPOSTAS CONCRETAS PARA SAIRMOS DA CRISE

### Parar com a austeridade

Abandonar a intenção do Governo de cortar 4 mil milhões de euros nas funções sociais do Estado. O PS defende disciplina e rigor orçamental. Coisa diferente é um corte brutal nas funções sociais que aumentarão a recessão económica e gerarão ainda mais desemprego.



### Estabilizar a economia

#### Algumas medidas:

- Reduzir o IVA da restauração;
- Aumentar o salário mínimo e as pensões mais baixas, a par da estabilização do quadro fiscal, em Concertação Social;
- Plano de reabilitação urbana, promovendo a eficiência energética, com aproveitamento de fundos comunitários;
- Financiamento da economia e das PME, através do Banco de Fomento e da consideração fiscal dos suprimentos como apoio à capitalização das empresas.



### Implementar um programa de emergência para apoiar os desempregados

Mobilizar fundos comunitários para criar um programa de qualificação e formação profissional destinado aos desempregados que não têm qualquer proteção social.



### Adotar uma estratégia realista para diminuição da dívida e do défice

Precisamos de mais tempo para fazer diferente e não para continuar a mesma política. Assumir uma estratégia realista e credível que possa gerar confiança.



#### Renegociação:

- Das condições de ajustamento com metas e prazos credíveis;
- Do alargamento dos prazos de pagamento de parte da dívida pública;
- Do diferimento do pagamento de juros dos empréstimos obtidos;
- Do juros a pagar pelos empréstimos obtidos;
- Reembolso dos lucros obtidos pelo Banco Central Europeu pelas operações de compra de dívida soberana (Só para o corrente ano isto representa 3 mil milhões de euros para Portugal).



### Agenda para o crescimento e o emprego

- Promover a captação de Investimento Direto Estrangeiro
  - Diminuição de custos de contexto;
  - Tribunal para dirimir os conflitos de investimento estruturante, incluindo o estrangeiro;
  - Investimento no alargamento do Porto de Sines e alargamento do parque logístico;
  - Ligação ferroviária de mercadorias Sines-Madrid;
  - Desenvolvimento e qualificação das Áreas de Acolhimento Empresarial.
- Fomentar as exportações
  - Reembolsos do IVA atempados;
  - Estímulos fiscais à exportação com revisão do DL 250/2009;
  - Utilização da recapitalização da banca para financiamento de sectores transacionáveis;
  - Reforço dos instrumentos de seguro de crédito à exportação e de pré-financiamento das exportações.
- Lançar um programa de substituição das importações por aumento da produção nacional
  - Desenvolvimento do Fundo Financeiro para o Desenvolvimento de Recursos Endógenos (agro-alimentar, mar, floresta e turismo);
  - Dinamização dos Pólos de Competitividade e dos Clusters;
  - Desenvolvimento do perímetro de rega do Alqueva.



**HÁ OUTRO CAMINHO**  
AS PESSOAS ESTÃO PRIMEIRO



AS PESSOAS ESTÃO PRIMEIRO

# Seguro ouve os portugueses de norte a sul

Fazer o levantamento dos graves problemas e preocupações dos portugueses e deixar uma mensagem de esperança de que há outro caminho às atuais políticas do Governo são o objetivo da iniciativa “As Pessoas Estão Primeiro”, que está a levar o secretário-geral do PS, António José Seguro, a um périplo pelo país. J.C.C.B.

Neste roteiro pelos vários concelhos do país, que termina a 12 de abril, o líder do PS está a ouvir as preocupações e angústias de uma população que sofre com a política do custo o que custar da coligação de direita, desde os jovens, aos idosos, passando pelos autarcas, trabalhadores, agentes culturais, empresas e instituições de solidariedade social.

No âmbito do programa “As Pessoas Estão Primeiro” o secretário-geral do PS, depois de ter visitado diversas empresas em vários pontos do país, teve um encontro com empresários, em Castelo Branco.

“Estou aqui para ouvir e escutar os vossos anseios e debater convosco como colocar o país a crescer”, começou por afirmar o líder do PS, lembrando que “o principal problema do país é o fraco crescimento económico”.

Para Seguro, “a forma saudável de reduzir o défice é substituir importações por aumento da produção”.

E sublinhou que “vivemos um momento difícil, mas o caminho é criar riqueza, dando condições às empresas”. Por isso, defendeu, “precisamos de dinamizar a procura interna”. Uma das empresas visitadas pelo líder do PS foi a têxtil Eurolex, em Carregal do Sal, distrito de Viseu. Uma empresa com mais de 200 trabalhadores, com um volume de negócios superior a oito milhões de euros por ano e de grande importância para a região, cuja totalidade da produção é para exportação para marcas internacionais de renome.

António José Seguro referiu

que “não falta aos portugueses capacidade empresarial e de trabalho, mas tem de haver políticas públicas que estimulem ainda mais essa capacidade, para o país sair da espiral recessiva em que se encontra”. Mais a sul, na Amadora, num centro de convívio, Seguro também quis ouvir as angústias e preocupações dos idosos, fustigados de forma particularmente desumana pelas políticas ultraliberais do atual Governo. Relembrando, mais uma vez, que o “principal problema” do país é o fraco cres-

ratona pelo país, para a deslocação do líder socialista a Vila Real, para verificar “in loco” o cenário desolador da obra parada na autoestrada do Marão há quase 21 meses.

“É derreter dinheiro público”, disse, sublinhando que esta obra parada “reflete bem a imagem do país que o Governo está a deixar ao país”.

Para Seguro, esta é uma obra importante para combater a desertificação, para promover o dinamismo económico e social e para diminuir a sinistralidade que existe no IP4.

*“O país vive à beira da rutura social”*

cimento económico, o secretário-geral do PS voltou a defender o aumento das pensões mais baixas por duas ordens de razão: “Para dar um pouco mais de rendimento às pessoas e também por esta via dinamizar a nossa economia”. Também a educação esteve na agenda do secretário-geral, que teve a oportunidade de ouvir as preocupações e debater com professores e vários agentes do sistema educativo, numa reunião de trabalho, numa escola da Marinha Grande. Na ocasião, Seguro defendeu que “a escola tem que ser o garante da igualdade, independentemente do local onde reside ou dos rendimentos familiares”, acrescentando que “todos os alunos têm que ter as mesmas oportunidades”. Destaca também nesta ma-

**Portugal precisa de outro PM**

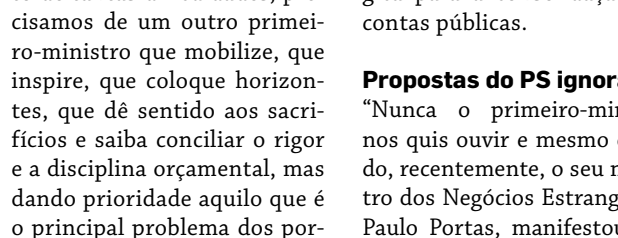
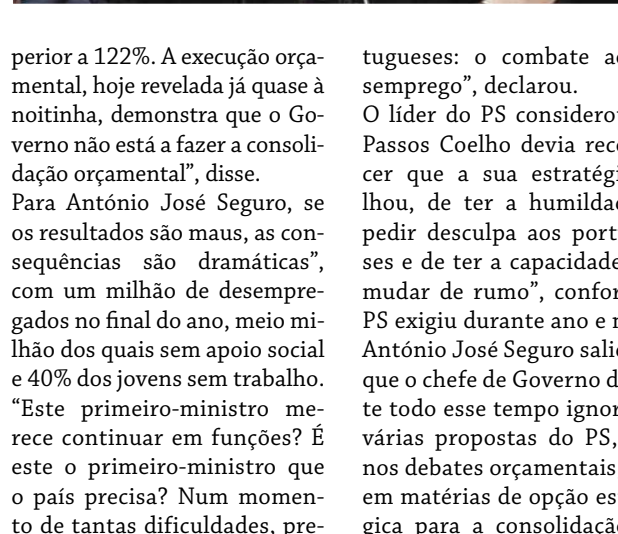
Já em Aveiro, o líder do PS defendeu que Portugal precisa de um outro primeiro-ministro, disposto a renegociar o programa de ajustamento e a apresentar uma nova estratégia credível de consolidação das contas públicas.

António José Seguro afirmou que “o país vive à beira de uma rutura social”, sem que o primeiro-ministro seja capaz de reconhecer que a sua estratégia falhou.

“Durante os 21 meses de governação, o primeiro-ministro pediu aos portugueses pesados sacrifícios e em troca comprometeu-se a ter um défice orçamental de 4,5% e uma dívida pública de 113% da riqueza nacional. Terminou 2012 e o défice não foi de 6,6% e a dívida su-



JORGE FERREIRA



perior a 122%. A execução orçamental, hoje revelada já quase à noitinha, demonstra que o Governo não está a fazer a consolidação orçamental”, disse.

Para António José Seguro, se os resultados são maus, as consequências são dramáticas”, com um milhão de desempregados no final do ano, meio milhão dos quais sem apoio social e 40% dos jovens sem trabalho. “Este primeiro-ministro merece continuar em funções? É este o primeiro-ministro que o país precisa? Num momento de tantas dificuldades, precisamos de um outro primeiro-ministro que mobilize, que inspire, que coloque horizontes, que dê sentido aos sacrifícios e saiba conciliar o rigor e a disciplina orçamental, mas dando prioridade aquilo que é o principal problema dos por-

tugueses: o combate ao desemprego”, declarou.

O líder do PS considerou que Passos Coelho devia reconhecer que a sua estratégia falhou, de ter a humildade de pedir desculpa aos portugueses e de ter a capacidade para mudar de rumo”, conforme o PS exigiu durante ano e meio. António José Seguro salientou que o chefe de Governo durante todo esse tempo ignorou as várias propostas do PS, quer nos debates orçamentais, quer em matérias de opção estratégica para a consolidação das contas públicas.

**Propostas do PS ignoradas**

“Nunca o primeiro-ministro quis ouvir e mesmo quando, recentemente, o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Portas, manifestou dis-



ponibilidade para discutir algumas das propostas e das medidas do PS, cinco dias depois, o primeiro-ministro veio fechar a porta e recusá-las”, acusou. Na sua intervenção, António José Seguro justificou assim a moção de censura que anunciou, já que o primeiro-ministro “aplica uma receita que não cumpre nenhum objetivo, que aumenta o desemprego, baixa a economia, insiste em mais austeridade e não aceita nenhuma proposta, que esbanja a oportunidade de um diálogo político sério e construtivo com o principal partido da oposição e que reduz aos mínimos o diálogo social”, numa referência ao salário mínimo. “Nós neste momento precisamos de renegociar as nossas condições de ajustamento, de

ter mais tempo como sempre disse, de pagar menos juros, de diferir o pagamento dos juros da dívida pública. Precisamos de resolver a gestão da nossa dívida pública num contexto europeu e de ter uma nova estratégia credível de consolidação das contas públicas”, disse António José Seguro. O líder do PS salientou que o país já não depende de si próprio para sair da crise e precisa “que, no seio da União Europeia, se tomem medidas que permitam aliviar a austeridade e criar um ambiente amigável do crescimento e do desenvolvimento económico”. “Precisamos de um outro primeiro-ministro que cuide de Portugal e das pessoas e que tenha voz na Europa para afirmar Portugal. Para isso é preciso ter coragem e pensamen-

to, ter propostas, ter aliados e bater-se por elas”, disse. No arranque do seu périplo pelo país, o secretário-geral do PS afirmou em Braga que a Europa está a ser liderada por “gente egoísta” e que é necessária uma “outra Europa”, com “competência para resolver os problemas” que cada país não consegue resolver sozinho. No seu roteiro pelo país, Seguro insistiu que o PS defende uma alternativa credível que devolva a esperança aos portugueses e que aposte no crescimento da economia portuguesa, que sustentadamente reequilibre a balança de bens e serviços e reduza as necessidades de financiamento externo do país, bem como crie novos postos de trabalho qualificados e devidamente remunerados. ● J.C.C.B.

## RTP

### DESPEDIMENTOS? NÃO, OBRIGADO

A defesa intransigente do serviço público de televisão, e respetivos postos de trabalho, continua a ser uma das bandeiras do PS, liderado por António José Seguro, contra as investidas sucessivas de Relvas e Passos contra a RTP. “Existem todas as condições” para olhar para a televisão pública sem despedimentos, disse o líder socialista, acrescentando estar preocupado com a “diminuição da qualidade” do serviço prestado. “Gosto de me pronunciar sobre os relatórios depois de os conhecer. Defendo uma televisão pública em Portugal com qualidade e estou preocupado, pois vejo uma diminuição da qualidade da prestação do serviço da televisão pública”, disse, à margem de uma visita a uma empresa na Moita, no âmbito do roteiro que está a fazer pelo país sob o lema “Primeiro as Pessoas”.

António José Seguro defendeu ainda que é possível olhar para a televisão pública sem recorrer a despedimentos.

“Preocupa-me tudo o que passa por rescisões e o aumento de desemprego no país. Existem todas as condições para olhar para a televisão pública sem que seja necessário o despedimento das pessoas”, disse.



### PROGRAMA “AS PESSOAS ESTÃO PRIMEIRO”

O roteiro de António José Seguro pelo país foi criteriosamente escolhido em função dos graves problemas que afetam cada um dos concelhos visitados. As questões relacionadas com a exclusão social, a saúde, a educação e a indústria, as dificuldades dos comerciantes e dos empresários, a agricultura, o ambiente e a cultura, constituem algumas das principais matérias em relação às quais o PS pretende dar ainda maior atenção e, ao mesmo tempo, realçar as deficiências da política governativa em relação a cada um destes sectores.

### 3 OBJETIVOS

O roteiro do secretário-geral do PS pelo país, sob o lema “As Pessoas Estão Primeiro”, pretende cumprir três objetivos:

- Fazer o levantamento** dos graves problemas que afetam a vida dos cidadãos;
- Deixar uma mensagem de confiança e esperança** no projeto político do Partido Socialista
- Destacar a necessidade de um estudo antecipado** de alguns dos temas da atualidade considerados prioritários na ação de um futuro Governo socialista.



**JOÃO PROENÇA SECRETÁRIO-GERAL DA UGT**

# “Este Governo é ultraliberal e incompetente”

João Proença faz um balanço positivo da sua liderança na UGT e arrasa as políticas do atual Governo, “ultraliberal e cada vez mais incompetente”, que geram desemprego, perda de salários e rendimentos e agravamento da pobreza e exclusão. O sindicalista sublinha ainda que “a matriz ideológica do PS passa pela defesa dos trabalhadores”. **J. C. CASTELO BRANCO**

**Que balanço faz dos seus anos à frente da UGT? Quer destacar alguma grande conquista para os trabalhadores alcançada durante a sua liderança?**

Uma liderança que consolidou e reforçou a UGT como central sindical independente dos governos e dos partidos políticos, defensora de um sindicalista de proposição e ação, com base numa política de coesão e consenso interno, assente na pluralidade das opções dos seus membros e com reforço da representatividade da UGT.

A UGT foi parte activa nas principais reformas estruturais que

têm sido feitas (segurança social, formação profissional, relações de trabalho...), destacando a redução do tempo de trabalho para as 40 horas em 1996 e o maior aumento de sempre do salário mínimo, com base no Acordo Tripartido de 2006.

**Acha que este Governo tem apostado no diálogo social como apregoa de vez em quando?**

O diálogo social está consagrado na Constituição e é parte estruturante do regime democrático, que tem também que apostar na participação dos cidadãos. Este Governo tem destruído a

negociação coletiva e não tem tido uma aposta clara na concertação, a não ser nas matérias laborais directamente ligadas ao cumprimento do memorando com a troika.

**Como classificaria este Governo em duas palavras?**

Ultraliberal e cada vez mais incompetente.

**Quais as principais condições que a UGT coloca para não romper o acordo de concertação social que assinou?**

O Compromisso Tripartido para a Competitividade, Crescimento e Emprego foi assinado em

Janeiro de 2012, como o Acordo Tripartido para a Competitividade e o Emprego foi assinado com o anterior Governo. em março de 2011.

A denúncia de um acordo é feita quando há desrespeitos graves e existem vantagens claras com o fim do acordo para os trabalhadores que representamos.

**Sabendo o que se passou a seguir ao acordo de concertação social com o Governo voltaria a assiná-lo? O que se travou com a assinatura?**

Consideramos que o Compromisso Tripartido foi altamente vantajoso para os trabalhadores,

os empregadores e o país.

Com a assinatura travou-se uma maior desregulação laboral, parou-se o aumento do tempo de trabalho e a proposta nefasta da taxa social única; obrigou-se o Governo e a troika a negociar matérias importantes do memorando; não se alterou, mas condicionou-se, a política ultraliberal do Governo e a submissão à troika.

**Qual a posição da UGT sobre a intenção governamental de reduzir ainda mais as indemnizações em caso de despedimento?**

Infelizmente, é uma matéria



constante do memorando com a troika de maio de 2011.

Para a UGT, é inaceitável reduzir as indemnizações a 12 dias, como rejeitamos totalmente a não simultaneidade com a criação dos Fundos de Compensação do Trabalho.

#### **Como estão as relações da UGT com a CGTP? Há possibilidades de unidade na ação?**

A unidade na acção desenvolve-se todos os dias nos locais de trabalho, como está a acontecer na TAP, em que os sindicatos da UGT têm uma posição relevante. A nível das centrais sindicais, houve duas greves gerais, com Governos diferentes, em 2010 e 2011. A unidade futura pressupõe diálogo e não a tentativa de impor qualquer tipo de vanguardismo.

#### **Que medidas tem proposto a UGT em sede de concertação social para o combate ao trabalho precário e falsos recibos verdes?**

Tem havido sucessivas propostas, sendo de destacar as negociações com o Governo socialista que levaram a medidas concretas de combate aos falsos recibos verdes, ao reforço da atuação da Inspeção-Geral do Trabalho contra as ilegalidades no trabalho temporário, ao direito à Segurança Social para os estagiários e à regularização da situação dos bolseiros.

Esta é uma prioridade da actuação da UGT, incluindo a nível das políticas ativas de emprego.

#### **Quais as principais malfeitorias que no seu entender o Governo tem feito na área social e laboral?**

Desregulação laboral, destruição da negociação coletiva, perdas de salários e rendimentos, agravamento da pobreza e exclusão, num quadro de recessão e aumento brutal do desemprego. Há uma total insensibilidade social, com a cegueira da austeridade e a total ausência de coordenação económica.

#### **Não acha que Portugal está à beira de uma tragédia social com cerca de um milhão de desempregados e aumento das desigualdades?**

A tragédia já existe com mais de um milhão de desempregados e dois milhões de pobres. O país encontra-se à beira da implosão social, crescendo o desespero e a insegurança. Se não houver responsabilidade dos agentes políticos e sociais e uma mudança muito for-

te das políticas, os efeitos podem ser devastadores, com forte desagregação política e social, fenómenos que estão a ocorrer de modo crescente em vários países.

#### **Até que ponto está pronta para a luta a UGT quanto aos cortes anunciados nas funções sociais do Estado?**

A UGT tem-se batido fortemente na defesa de uma Administração Pública de qualidade, eficiente e com a melhor utilização dos recursos disponíveis. Bate-mo-nos na defesa do Estado soberano e social. Queremos a continuação da reforma do Estado iniciada há vários governos, que deverá assentar em bases que possam ter continuidade por via do diálogo político e social, mas reconhecendo diferentes opções partidárias sobre as Funções e a Organização do Estado.

A UGT esteve e está na primeira linha da luta contra o corte dos quatro mil milhões de euros e recusa um pseudodebate condicionado por estes cortes.

A UGT e os seus sindicatos batem-se em defesa dos trabalha-

dores do sector e da criação de condições para um melhor funcionamento da Administração.

#### **A UGT está disponível para endurecer a luta no combate à política constante deste Governo de cortes nos salários e rendimentos, de políticas que aumenta exponencialmente o desemprego e cortes no Estado Social?**

A UGT está a endurecer a sua luta, o que não significa que passe para a irresponsabilidade da luta pela luta.

Respeitamos o Estado democrático, que passa pelo voto do povo e pelo funcionamento das Instituições no quadro constitucional, mas também é fundamental que não exista um crescente e insustentável afastamento dos cidadãos face ao não respeito pelos compromissos eleitorais por parte do Governo.

#### **O Governo anunciou mais um despedimento coletivo de funcionários públicos. Qual vai ser a resposta da UGT?**

Totalmente contra esta medida, que é o início encapotado de um processo de despedimento colectivo. É um processo de descredibilização e agressão aos trabalhadores da Administração Pública.

As rescisões amigáveis em nada contribuem no curto prazo para a redução do défice e vão ter um efeito negativo no funcionamento da Administração Pública, com efeito directo no aumento do desemprego. É inaceitável falar em trabalhadores a mais sem estudos sérios, incluindo nas áreas em que há trabalhadores a menos. Há escolas a funcionar mal por falta de pessoal administrativo e auxiliar, com sé-

rios riscos para as crianças.

Em 2012 o número de trabalhadores da Administração Pública decresceu de 4,6%, contra uma previsão de 2%. Em 2013 vamos no mesmo caminho, como o mostra o pedido de reformas entrados em dezembro passado. Isto já está a causar sérios problemas na qualidade e eficiência dos serviços públicos.

#### **Quais os principais desafios que se colocam ao sindicalismo nestes tempos difíceis marcados pela hegemonia do neoliberalismo e do pensamento único?**

Uma política a nível nacional, europeu e mundial, nos termos que vêm sendo definidos pela Confederação Europeia de Sindicatos e pela Confederação Sindical Internacional, em que a UGT está filiada, e que defende mais Europa, mais dimensão social e uma globalização justa. A nível nacional, os desafios passam por defender a democracia política, credibilizar as instituições e os seus agentes, lutar por um país onde exista regulação económica e social,

#### **de António José Seguro, nomeadamente na atenção que tem dedicado à defesa dos trabalhadores?**

Uma ação muito positiva, num momento muito difícil para o País e também com uma conjuntura partidária marcada pela maior derrota eleitoral de sempre.

O país precisa de uma alternativa de Governo e essa passa obrigatoriamente pelo PS, com uma política que se preocupe com os desempregados e os mais desfavorecidos, num quadro de desenvolvimento económico e social.

#### **Não acha que um Partido Socialista deve sempre, sem rodeios, reclamar como seu ADN a defesa dos trabalhadores? Não acha que isso começou a ser um pouco posto em causa um pouco por toda a Europa desde os tempos do sr. Blair e da sua terceira via?**

A matriz ideológica do PS passa pela defesa dos trabalhadores, sendo importantes as posições que vêm sendo assumidas na



*“Este Governo tem destruído a negociação coletiva”*

*“UGT está na primeira linha da luta contra a privatização da RTP”*

*“O país encontra-se à beira da implosão social”*

*“O falhanço de Blair e da Terceira Via traduz o falhanço da políticas liberais, subordinadas aos mercados financeiros, que ignoram o papel fundamental do diálogo social e dos sindicatos”*

justiça e solidariedade. Passam também pelo aumento da sindicalização, sobretudo dos jovens e dos precários, reforçando assim a representatividade. Exigem um movimento sindical cada vez mais atento aos desempregados, aos reformados e aos jovens.

O movimento sindical deve ser parte integrante de um amplo movimento social que, com envolvimento dos agentes políticos, económicos e sociais, mas sem tutelas partidárias, combata um ultraliberalismo que defende os grandes interesses económicos e financeiros.

#### **Que apreciação faz da ação**

procura de uma linha de actuação forte a nível da Internacional Socialista e do Partido Socialista Europeu, na diversidade das situações nacionais.

O falhanço de Blair e da terceira via traduz o falhanço de políticas liberais, subordinadas aos mercados financeiros, que ignoram o papel fundamental do diálogo social e dos sindicatos.

#### **Qual o seu futuro pós-UGT? Política ativa?**

Continuar a trabalhar na defesa dos trabalhadores, não tendo qualquer cargo sindical. A política ativa é fortemente apelativa, neste momento difícil para os portugueses. ●

# “Esta política de terra queimada destrói sonhos e famílias”

Socialista e feminista comprometida com o fim do feminismo, Florbela Fernandes critica veementemente o Executivo de direita pela exclusão das políticas de promoção da igualdade de género e da paridade da actividade governativa. Preocupada com o drama do desemprego e da falta de esperança, a presidente do Departamento Federativo de Mulheres de Évora acredita na vitória do PS nas próximas eleições autárquicas. **MARY RODRIGUES**



**Promover a mudança foi o desafio que lançou aquando da apresentação da sua candidatura à presidência do Departamento Federativo. O que é que até agora foi possível mudar?**

Quando decidi candidatar-me, duas questões se me colocaram: para que serve o departamento? O que é que eu podia fazer para que o departamento passasse a ter uma identidade e mais credibilidade e reconhecimento, junto das e dos militantes do PS-Évora e da comunidade em geral? A Moção “Um projeto de mudança participado”, com a qual eu e a minha equipa nos apresentámos às mulheres socialistas de Évora, respondeu a essas questões. Muita coisa já conseguimos mudar. Hoje, posso afirmar que temos em Évora um Departamento Federativo reconhecido por todos os órgãos do Partido Socialista e pela generalidade dos militantes. Temos um departamento que reúne os seus órgãos regularmente, que promoveu a representatividade territorial na constituição dos órgãos e que sustentou e sustenta as escolhas que fez e que faz, na competência, na diversidade técnica e profissional e na integração de diferentes perspetivas políticas das mulheres socialistas de Évora.

**Para a reputada escritora chilena Isabel Allende, “ser feminista continua a ser defender a maioria silenciosa das mulheres, ajudá-las a se libertarem e a adquirir os seus direitos”. Pode dizer-se que a Florbela é feminista?**

Sim, sem dúvida. Se calhar todas, ou quase todas, somos feministas, porque ser feminista é ser justa, solidária e democrata. Ser feminista fará sempre sen-

tido enquanto existir um local no mundo onde as mulheres não possam viver plenamente o exercício da cidadania e existam lutas a travar nos campos dos direitos humanos, democráticos e cívicos. Se, no primeiro campo se combate a agressão, a violência, a opressão, a escravidão e tantos outros crimes hediondos, onde se luta contra o medo que silencia; no segundo, temos a garantia de que não haverá democracia efetiva, nem avanços concretos na construção da igualdade de direitos entre homens e mulheres enquanto não for garantida a participação das mulheres, de forma paritária, em todos os espaços e instâncias de poder. Já no terceiro campo de batalha, a asunção plena e constante de direitos e deveres, de escolhas e recusas, de liberdades e garantias e de voz, por cada mulher, nada mais será do que a vitória da justiça social e, claro, o fim do feminismo!

**De que forma tem contribuído este Departamento Federativo para dar voz e força à maioria silenciosa de mulheres de Évora?**

Através da promoção da capacitação das mulheres socialistas, realizando formação política, motivando-as a intervir, a opinar, nos órgãos concelhios e federativos. Mas também promovendo a sua participação noutros fóruns nacionais, diversificando oportunidades de participação e não centralizando. Apostando também na escolha pela competência e capacidade de cada uma, e, assim, concorrendo para a construção da confiança de todos em cada escolha, e da credibilização do departamento como estrutura útil e de valor acrescentado pa-

ra os restantes órgãos do partido. Mas não queremos ficar por aqui. Também queremos levar outras mulheres a participar e, por isso, integrei um projeto conjunto com Patrícia Gomes da Silva e que não é mais do que um espaço para dar voz às mulheres. Trata-se de um programa de rádio – “Conversas Carolinas” — em homenagem a Carolina Beatriz Ângelo, médica e feminista, a primeira mulher portuguesa a votar, ou seja, a opinar, a participar na “coisa pública”, no longínquo ano de 1911 — onde, todas as semanas, temos à conversa mulheres “Carolinas” sobre vários temas.

**Quais os projetos de curto e médio prazos que estão a desenvolver as mulheres socialistas de Évora?**

Neste momento estamos demasiado envolvidas no projeto autárquico. Estamos a preparar, juntamente com a federação liderada pelo camarada Bravo Nico, um plano de formação política que visa disponibilizar informação técnica e jurídica aos novos candidatos autárquicos pelo Partido Socialista, disponibilizando-lhes uma ferramenta de conhecimento que os capacitará, ainda mais, para o exercício das suas funções de autarcas. Naturalmente que também o atual contexto de eleições internas para o Departamento Nacional das Mulheres Socialistas e para secretário-geral do PS ocupam algum do nosso tempo.

**O desemprego trouxe novas realidades para dentro das casas das famílias portuguesas. O que a preocupa no caso particular de Évora?**

O milhão de portugueses desempregados que existem no nosso país é o pior flagelo social

com que nos defrontamos atualmente e é, simultaneamente, o maior e mais sério desafio político que se coloca ao Partido Socialista.

No caso concreto de Évora, preocupa-me o aumento do número de casais desempregados e a falta de esperança. Ao contrário do que diz o primeiro-ministro, o desemprego não é uma oportunidade porque ele não resulta de uma opção ou não está enquadrado num contexto de esperança e de confiança, na procura de uma vida melhor. Este desemprego assusta, destrói e deprime! Preocupa-me também a redução dos apoios sociais quando eles são mais necessários e a destruição da rede de qualificação e de capacitação que estava montada, através dos CNO’s e dos cursos EFA’s, em troca de um rotundo “nada”.

**Estatísticas europeias revelaram recentemente que a crise agrava a violência contra as mulheres e o tráfico de mulheres, bem como a prostituição. O que tem a dizer sobre isso?**

Que estes dados não me surpreendem. As estatísticas podem não servir para nada, ou melhor, para resolver nada, mas para uma coisa elas servem: para demonstrar aos mais pragmáticos ou céticos aquilo que para os mais intuitivos são factos. Digo que não servem para nada como mera provocação, porque sou muito mais intuitiva do que cética e porque as estatísticas, só por si, não obrigam ninguém a agir! Veja-se o atual Governo! Contudo, reconheço que agitam consciências e que, quando alguém quer efetivamente agir, ajudam a fundamentar essa ação.

**Como classifica a ação governativa da direita no que diz respeito às questões de igualdade de género e paridade?**

Não se consegue classificar o que não existe e estes são temas que não fazem parte da atividade deste Governo, para além do que são as obrigações comunitárias a que estamos sujeitos enquanto Estado-membro da União Europeia. A igualdade de género e a paridade não entram numa agenda política na sequência da qual se está a retroceder ao nível dos direitos basilares, que eram, até há bem pouco tempo, considerados pela generalidade dos portugueses como adquiridos, consolidados e inalienáveis, numa sociedade democrática e justa. Direitos civilizacionais como estes, que saíam da esfera do elementar, não existem no atual quadro governativo, onde estamos a retroceder no mais básico, o que nos deve preocupar, e muito! Estamos efetivamente a assistir a um retrocesso civilizacional!

**Com a proximidade do combate autárquico, espera ver reforçada a presença do PS no panorama alentejano?**

Claro que sim. Luto por isso todos os dias. Não tenho qualquer dúvida que o PS é e será a principal força política no Alentejo. No que respeita ao Departamento Federativo das Mulheres Socialistas, tudo estamos a fazer para que assim seja, conversando com as estruturas locais, com os candidatos já conhecidos, com a federação e com a JS, pois acreditamos que esse projeto só sairá vencedor se contar com a nossa participação, na construção das melhores soluções. ●

## DIA INTERNACIONAL DA MULHER

**Paridade para além da crise**

O Departamento Nacional das Mulheres Socialistas (DNMS) assinalou este ano o 8 de março com “uma mensagem de inconformismo, resistência e indignação face à situação que o país atravessa”, na qual defende a prossecução de uma “agenda de progresso” e, no quadro da estratégia autárquica, lança o repto de cumprir as regras da paridade para além das exceções legais.

No texto da mensagem enviada por correio eletrónico no Dia da Mulher, a presidente do DNMS, Catarina Marcelino, sublinha que a atual conjuntura do país “leva a classe média para o limite dos limites da sua subsistência” e aumenta “o descrédito na política e nos políticos”, retirando a igualdade da agenda política e mediática.

Após lembrar que o Partido Socialista tem, nesta matéria, “um legado de que se deve orgulhar e que deve afirmar todos os dias” (Lei da Paridade, Lei da Violência Doméstica, despenalização do aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo, novas regras na licença parental, Lei do Divórcio...), a líder das mulheres



JORGE FERREIRA

socialistas reforça a convicção de que “a estratégia para acabar com a crise passa, intransigentemente, pela agenda do desenvolvimento, sendo que o progresso e os Direitos Humanos são sempre oportunos, independentemente da conjuntura económica dos países”.

A agenda do progresso traduz-se, explica, “na agenda do reforço de políticas públicas de apoio às famílias”.

Na mensagem, a presidente do DNMS considera essencial “a afirmação da nossa identidade enquanto partido da Igualdade e da Liberdade, que honra os valores da sua matriz ideológica, que honra o seu legado histórico e político,

que afirma a sua identidade no séc. XXI”.

Segundo Catarina Marcelino, “esta agenda é também central na estratégia autárquica” para o próximo mês de outubro, “que tem de passar pela introdução da dimensão da igualdade de género nos programas eleitorais”, mas, não menos importante, “tem que afirmar a paridade nas listas e cumprir as regras da paridade, mesmo nos concelhos e freguesias que a Lei exceciona”.

Refira-se que no passado 8 de março muitas foram as iniciativas que assinalaram o Dia da Mulher nos diferentes departamentos federativos de mulheres socialistas. ● M.R.

## UNIÃO INTERPARLAMENTAR

**Rosa Albernaz defende fim da violência sobre as mulheres**

A deputada socialista Rosa Maria Albernaz, representante de Portugal na UIP (União Interparlamentar), esteve presente na 57.ª sessão das Nações Unidas, que decorreu em Nova Iorque, de 4 a 8 de Março.

Na agenda da sessão estiveram em debate os seguintes temas: Estratégias parlamentares para combater a violência contra mulheres e povos; e evolução das mulheres na política, as últimas tendências e parecerias para combater a violência doméstica.

Na intervenção que efetuou nas Nações Unidas, a deputada Rosa Albernaz considerou que a violência doméstica percorre as sociedades como um todo. Embora a violência doméstica afete principalmente e de forma mais aguda as mulheres, Rosa Albernaz referiu que existe também violência sobre crianças, jovens e idosos, pes-



JORGE FERREIRA

soas com necessidades especiais, bem como sobre os próprios homens.

Rosa Albernaz debruçou-se também sobre a temática da agressão a crianças e jovens que foram obrigados a abandonar os estudos prematuramente, forçando-os a irem para o mercado de trabalho, e abordou os casamentos entre menores, combinados por pais e tutores, que obrigam aqueles a iniciarem prematuramente a

vida adulta, sem possibilidade real de escolha do seu futuro.

A deputada socialista salientou ainda o esforço, que, na sua opinião, deve ser posto no cumprimento dos objectivos positivos “Desenvolvimento do Milénium”, particularmente o da erradicação da pobreza extrema e da fome, possibilitando-se assim a construção da democracia com mais justiça, mais igualdade e sobretudo muito menos violência. ●

**“Definir medidas pró-activas e positivas para combater as desigualdades de género é uma urgência, e a crise não pode servir de desculpa para se desinvestir na Igualdade”**

**DIA INTERNACIONAL DA MULHER**

Elza Pais

Na Assembleia da República este ano as comemorações do Dia Internacional da Mulher organizaram-se em torno de várias iniciativas sob propostas da Subcomissão da Igualdade, à qual tenho a honra de presidir.

Além dos habituais discursos em plenário onde a palavra dos políticos assumiu a expressão do muito que já foi feito, mas também dos obstáculos ainda a vencer para se garantir o princípio constitucional da igualdade entre mulheres homens, houve espaço momentos de poesia, discussão de filmes e exposição de obras de arte protagonizadas por mulheres: Ana Vidigal, Susana Alexandre, Carmo Pólvara e Fernanda Birrento estiverem connosco; discutiu-se o filme - “A costa dos murmúrios” realizado por Margarida Cardoso, com Irene Pimentel e Manuel Lisboa; São José Lapa disse poesia de Natália Correia; organizou-se uma visita à iconografia feminina do plenário e foi lançada a peça do mês pelo Museu da AR – busto de Natália Correia.

Dar visibilidade ao trabalho artístico de mulheres foi o nosso objectivo, também como forma de denunciar os tempos em que as mulheres assinavam com pseudónimo masculino para poderem ver publicados os seus livros e expostas as suas obras de arte.

A desigualdade entre homens e mulheres não é uma fatalidade, pode ser combatida com mudanças de mentalidade e com medidas de políticas que derrubem os desequilíbrios de género culturalmente instalados. As mulheres não precisam de favores, nem de esmolas, precisam, sim, de ver garantido o direito constitucional à igualdade e não discriminação.

Aproveitámos o dia para denunciar ainda o terrível impacto da crise económica e financeira sobre todas as pessoas, mas ainda mais sobre as mulheres, uma vez que a feminização do desemprego e a precariedade laboral são uma realidade que tende a agravar-se todos os dias.

Por tudo isto, definir medidas pró-activas e positivas para combater as desigualdades de género é uma urgência, e a crise não pode servir de desculpa para se desinvestir na igualdade, porque promover a igualdade é promover a justiça social, o desenvolvimento e a competitividade.

O GP PS apresentou um projecto-lei para reforçar o papel da ONG na promoção da igualdade de género e não discriminação, uma vez que apostar na sociedade civil constituiu a possibilidade de se sair da crise através da cidadania, da proximidade e da coesão social.

As pessoas contam, e sem elas não há democracia que cumpra a esperança de homens e mulheres puderem ser felizes e ter uma vida com direitos, responsabilidade e dignidade. ●

VÍTOR SOUSA CANDIDATO  
À CÂMARA DE BRAGA

# “Esta governação tem-se revelado um desastre”

Candidato socialista à Câmara de Braga, Vítor Sousa não tem dúvidas que o país atravessa um dos piores períodos da sua história, quer do ponto de vista económico, quer social. Culpa o Governo pela enorme incapacidade para resolver os problemas dos portugueses, lembrando que não é possível, tal como o PS vem defendendo há ano e meio, consolidar as contas públicas de um país e solver os seus compromissos sem crescimento económico. **RUI SOLANO DE ALMEIDA**

## O que representa para si ser candidato à Câmara de Braga rendendo um dos autarcas-modelo do PS?

Ser candidato à Câmara Municipal de Braga representa, antes de mais nada, um enorme orgulho. Representa, também, uma grande responsabilidade que baliza a dois níveis. Primeiro, por tudo aquilo que significa, hoje gerir os destinos de uma cidade, de um concelho como Braga e corresponder através de políticas públicas aos anseios e às necessidades dos bracarenses. Por outro lado, tal como diz, pela necessidade de estar à altura do exemplo de boa gestão e de superior governação que Mesquita Machado foi capaz de protagonizar.

## Sendo o seu distrito dos mais penalizados pelo desemprego, que medidas estão ao seu alcance, enquanto autarca, que sejam capazes de minimizar este fenómeno?

O desemprego é a maior chaga social do nosso tempo e atingiu proporções dramáticas no distrito. Neste quadro, é necessário que o município assuma um papel de coordenação que integre todas as instituições do concelho. Só desta forma se

rá possível alavancar projetos sustentáveis na área do empreendedorismo social, valorizando e qualificando todos os ativos já existentes. Por sabermos que se trata de uma área central nas preocupações das pessoas esta temática será alvo de uma abordagem muito concreta no programa que iremos apresentar aos bracarenses.

## Numa entrevista a um jornal da sua região prometeu lutar contra a criação de novos mega agrupamentos escolares. Quer explicar o que o leva a assumir esta posição?

No meu entender, a lógica dos mega agrupamentos escolares é errada. Assenta os seus pressupostos, apenas, na tendência de racionalização económica e de austeridade que o Governo tem colocado em tudo e que nos tem trazido a este beco sem saída. Tal facto é ainda mais grave por estarmos a falar da Educação, o maior motor de progresso e de evolução de qualquer país ou comunidade. Os mega agrupamentos não têm qualquer estudo que sustentem a sua implementação pelo que prejudicarão de forma transversal, a qualidade da nossa escola pública. Importa realçar que se prevê um



JORGE FERREIRA

novo conjunto de transferências de competências para as autarquias locais em matéria de Educação, o que faria supor um quadro de diálogo do Governo com as autarquias locais o que infelizmente não está a suceder.

## Braga é dos concelhos com maiores potencialidades turísticas do país. O que pensa introduzir neste sector, caso seja eleito, que contribua para valorizar a sua cidade? Braga tem, de facto, um enorme

potencial turístico. Grande parte desse potencial assenta, sobretudo, numa enorme riqueza etnográfica, patrimonial, religiosa e de costumes. No meu entender há áreas onde devemos apostar forte. Assim, parece-me importante incrementar a aposta no turismo religioso, impulsionando a promoção material e imaterial de todas as nossas potencialidades de tradição religiosa com particular incidência no mercado da Galiza. Decisivo é, também, dinamizar no mercado internacional o turismo de negócios com a marca recentemente lançada do “Braga Congresso” tirando partido do enquadramento geográfico favorável do nosso concelho, da proximidade de um

aeroporto internacional de referência e das companhias low cost que com ele operam. Além disso, dispomos de uma oferta hoteleira e de restauração extremamente qualificada que pratica preços extremamente competitivos o que faz com que Braga será, cada vez mais, um destino a ter em conta.

## Este Governo será porventura, desde o 25 de abril de 1974, o que mais tem fomentado a degradação económica e social no país. Em sua opinião, as propostas do PS, nomeadamente em relação ao ajustamento económico, estão a chegar à população portuguesa?

O atual Governo tem-se revelado um autêntico desastre. Os resultados da sétima avaliação da troika puseram a nu, de uma vez por todas, aquilo que o Partido Socialista vem dizendo há mais de um ano e meio. Não é possível consolidar as contas públicas de um país e solver os nossos compromissos sem crescimento económico. É, de todo, impossível. Qualquer aluno de economia na primavera dos seus estudos superiores seria capaz de chegar a esta conclusão. Infelizmente para Portugal e para os portugue-

ses o ministro das Finanças e o primeiro-ministro parecem não perceber e continuam a sua cruzada pela austeridade que tem mergulhado o país num cenário de retrocesso social e humano indigno de uma democracia consolidada. Perante este cenário e tendo o PS e o seu secretário-geral alertado muitas vezes que este não poderia ser o caminho, que esta receita nos traria a este buraco sem fundo, serão cada vez mais, não tenho dúvidas, os portugueses a perceberem a urgência de Portugal emprender políticas viradas para o crescimento económico e para a criação de emprego e a aproximarem-se, por isso, da linha política que o PS vem sistematicamente defendendo e afirmando como alternativa ao atual Governo. ●

## PERFIL

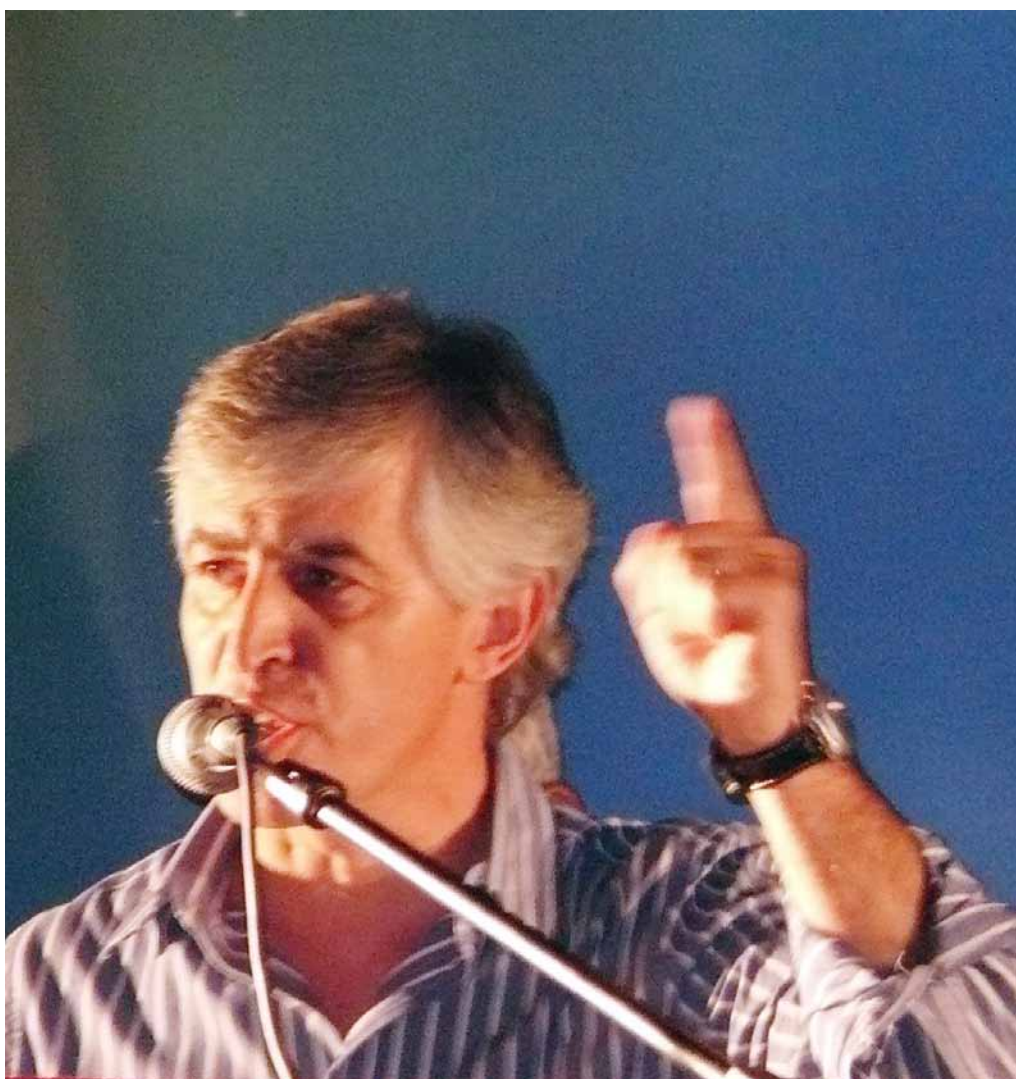
VÍTOR DE SOUSA, vice-presidente da Câmara Municipal de Braga, é natural de Angola, Lunda Norte. Entre 1997 a 2009 exerceu o cargo de presidente do Conselho de Administração dos Transportes Urbanos de Braga. Foi diretor da rádio Antena Minho de 1989 a 2006 e presidente do Conselho de Administração do jornal “Correio do Minho” entre 1983 a 1996. Exerceu ainda o cargo de presidente do Conselho de Administração do Parque de Exposições de Braga em 2009.

*“O desemprego é a maior chaga social do nosso tempo, tendo atingido proporções dramáticas no distrito e no concelho de Braga”*

**DINIS ACÁCIO** CANDIDATO  
À CÂMARA DO CADAVAL

## “Preocupa-me o encerramento cego de serviços públicos”

Para o candidato do PS à Câmara do Cadaval, Dinis Acácio diz que um dos principais obstáculos com que o município se depara está diretamente ligado à política do Governo de encerramento cego de serviços públicos. Crítica que estende à liderança do PSD na autarquia, que acusa de desenvolver uma gestão que se caracteriza pela ausência de planeamento a todos os níveis, garantindo que com o PS haverá uma preocupação na valorização do concelho e na qualidade de vida dos seus habitantes. **RUI SOLANO DE ALMEIDA**



**A estrutura económica do Cadaval baseia-se no sector primário. Quando se fala tanto em exportações, que contributo dá o seu município para a venda de produtos agrícolas portugueses para o estrangeiro?**

O Cadaval já é um concelho que exporta uma parcela importante da sua produção agrícola, nomeadamente pera rocha e também algum vinho. Sendo um dos principais produtores de pera rocha e continuando os nossos agricultores a apostar fortemente nesta produção é previsível que esse contributo possa vir a aumentar nos próximos anos. O município pode e deve apoiar a divulgação do produto nos mercados externos, assumindo o papel de parceiro das nossas organizações de produtores.

**Um concelho que apoia a sua economia principalmente no sector primário não estará condenado a prazo à desertificação?**

Não, se existir uma aposta forte na estrutura de apoio à produção agrícola que envolva os diversos agentes económicos e que lhes permita condições de criação e manutenção de emprego.

A esse nível o que me preocupa seriamente é a política do Governo de encerramento cego de serviços públicos, essa sim potencialmente causadora de desertificação.

**Sendo o Cadaval um município administrado pela direita, que críticas tem a apontar à gestão do PSD?**

Uma gestão que se tem caracterizado pela ausência de planeamento a todos os níveis que se traduziu, por exemplo, por intervenções em escolas que pouco tempo depois encerraram, por construção de infraestruturas desadequadas, pela dimensão, às realidades do concelho e cuja manutenção obriga agora a um esforço financeiro tremendo.

Tem-se caracterizado também pelo tratamento desigual prestado às diferentes freguesias, com evidente prejuízo das que são lideradas pelo Partido Socialista.

Foram gastos muitos milhares de euros em diversos estudos cujos resultados práticos nunca se fizeram sentir. O concelho não se desenvolveu como um todo, de forma sustentável.

**Como pensa inverter a política autárquica até aqui**

**seguida, caso seja eleito presidente?**

Com uma política de gestão integrada em que o território será encarado como um todo em que as pessoas estarão em primeiro lugar.

A nossa intervenção será direcionada para a resolução dos problemas dos munícipes, com uma forte aposta na educação.

Iremos também apostar nas qualidades únicas da serra do Montejunto, promovendo a sua ‘utilização’ como forma de dar a conhecer o Cadaval e potenciar os benefícios que daí podem resultar para todos.

Adotaremos em relação às questões sociais, uma atitude proactiva em lugar da atual atitude reativa.

Outra das nossas estratégias passa por uma melhor atenção e acesso de todos aos cuidados de saúde, seja pela construção do novo centro de saúde, pela criação de uma rede prestadora de cuidados, seja pelo estabelecimento de parceiras com as instituições que garantem a prestação e o acesso aos cuidados médicos.

Queremos que a nossa ação permita que a câmara contribua de forma decisiva para a valorização do concelho, criando condições para que todos os cadava-

*“A Câmara do Cadaval, gerida pela direita, tem-se caracterizado pela total ausência de planeamento a todos os níveis”*

lenses continuem a sentir que vale a pena apostar neste espaço como local para a construção de um projeto de vida de qualidade.

**Portugal estará à beira de uma catástrofe social, como todos os dados económicos apontam. Esta máxima deve ser apenas encarada como uma metáfora, ou ela é verdadeira?**

Infelizmente é verdadeira e vai obrigar-nos a estar muito atentos no sentido de podermos assegurar, no seio das nossas competências, a dignidade necessária e imprescindível à vida humana.

**Em pouco mais de ano e meio o executivo de Passos Coelho conduziu o país à maior recessão económica de que há memória. É ainda possível inverter este panorama com a atual maioria?**

Não acredito que isso aconteça. A absoluta intolerância que este Governo tem demonstra-

do o desrespeito pelas condições de vida dos portugueses, a fixação ‘cega’ nos números, por mais sem resultados, não deixam margem para acreditarmos em inversão da sua política e, sem ela, a atual situação não se inverterá. ●

### PERFIL

**DINIS ACÁCIO NOBRE DUARTE** é licenciado em Economia pelo Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, com especialização em planeamento regional e urbano. Foi técnico responsável pela avaliação e acompanhamento do financiamento de projetos agroindustriais no IFADAP de Caldas da Rainha. Desde 2005 vereador, na oposição, da Câmara Municipal do Cadaval. É presidente da Comissão Política Concelhia do Partido Socialista.

# Deputados socialistas preocupados com pescadores de arte xávega

Os deputados socialistas Rosa Maria Albernaz, eleita por Aveiro, João Paulo Pedrosa, eleito por Leiria, e Rui Duarte, eleito por Coimbra, membros da Comissão de Agricultura e Mar, exigem à ministra da Agricultura uma “explicação clara” sobre a posição do Governo em relação à pesca da arte xávega.

A exigência dos parlamentares do PS surge na sequência das declarações do secretário de Estado do Mar, Manuel Pinto de Abreu, a propósito da pesca e consumo de “jaquinzinhos” em Portugal, no quadro de uma campanha de pesca sustentável que o Executivo de direita pretende lançar.

Para os parlamentares socialistas, as palavras de Pinto de Abreu revelaram uma “enorme contradição política” que não cabe na anunciada intenção do Governo de ajudar as campanhas de pescadores da arte xávega a preservar os seus postos de trabalho e a desconstruir alguns falsos preconceitos associados a este tipo de pesca. Segundo clarificou a deputada Rosa Albernaz, o Executivo de direita “não pode ludibriar os pescadores com a criação de

uma comissão mista de acompanhamento com vista a encontrar soluções para os desafios deste tipo de pesca” e, ao mesmo tempo, anunciar pela voz do secretário de Estado uma “campanha de condicionamento da discussão” dessa mesma comissão que “nunca reuniu até ao dia de hoje”.

Refira-se que os deputados do PS entregaram recentemente um projeto de resolução na Assembleia da República sobre esta matéria, no qual recomendam, entre outras questões, o desenvolvimento de uma ampla campanha de comunicação e sensibilização para a preservação e valorização da arte xávega, nomeadamente junto das autoridades competentes para o licenciamento e fiscalização da comunidade piscatória e da população em geral.



Este projeto, conforme adiantou Rosa Albernaz ao “Acção Socialista”, baixou já à Comissão de Agricultura e Mar, onde começará a ser discutido em breve com vista a alcançar-se um acordo para modificar a regulamentação relativa

ao tamanho do pescado. A deputada lembrou ainda que a União Europeia estabelece um regime excecional para técnicas de pesca específicas da Noruega e Países Baixos. Assim, em Portugal temos que

pensar também nas muitas famílias de pescadores que estão a ser afetadas por falsos preconceitos sobre a arte xávega e em risco de perderem o seu meio de sustento. ● M.R.

## UM LIVRO POR SEMANA

SUGESTÕES DE ISABEL MOREIRA



**Amor, Pobreza e Guerra**  
Christopher Hitchens

As melhores peças jornalísticas do polémico Christopher Hitchens das últimas duas décadas encontram-se compiladas neste livro inspirado num antigo provérbio segundo o qual a vida de um Homem não estará completa até conhecer o amor, a pobreza e a guerra.

Nesta obra de 2004, Hitchens leva-nos, pois, do seu amor pela literatura, às suas viagens e encontros na América profunda, e dali aos horrores da guerra no Médio Oriente, até à queda das Torres Gémeas.

Com a impaciência e clareza como marcas distintivas da sua escrita, o autor partilha com os leitores algumas reflexões e descobertas sobre o confuso mundo contemporâneo.



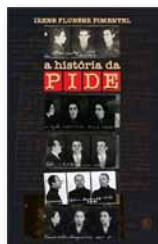
**História da União Europeia**  
Nuno Valério

Esta é uma obra muito documentada e exaustiva, de grande atualidade, incontornável para compreender o espaço europeu e todos os aspetos da sua articulação e protagonismo mundial.

No livro da autoria de Nuno Valério, o processo de integração europeia é analisado em grande profundidade desde longínquos antecedentes históricos até aos mais recentes, já no século XX, a partir do pós-guerra.

As várias fases do processo de integração são aqui perspectivadas até à efectiva existência da União Europeia, com a entrada em vigor do Tratado de Maastricht.

A terceira parte do livro ocupa-se da evolução mais recente e das perspectivas para o futuro da União Europeia no século XXI.



**A História da PIDE**  
Irene Pimentel

Ao longo de quase seis anos, a historiadora Irene Pimentel investigou detalhadamente os arquivos da PIDE

depositados na Torre do Tombo. O resultado desse trabalho foi uma tese de doutoramento, que surgiu depois editado em livro, com a chancela do Círculo de Leitores e da Temas e Debates.

Tendo vivido o tempo da PIDE, a autora procurou perceber melhor para ajudar a eliminar os mitos e ver como funcionava esta organização, afirmando que o que mais a surpreendeu nesta investigação foi a quantidade de informadores com que a antiga polícia política podia contar.

“A História da PIDE” é, assim, um documento único e inédito que revela segredos, motivações e métodos de trabalho da polícia política do Estado Novo.



**Direitos Sociais**  
Jorge Reis Novais

Este trabalho sobre os direitos sociais enquanto direitos fundamentais assinado por pelo professor universitário e doutorado em Direito Jorge Reis Novais foi editado, em 2010, pela Coimbra Editora, estando orientado, segundo sublinha o próprio autor, para a construção de uma teoria jurídico-constitucional dos direitos sociais.

Para Reis Novais, este livro “não é menos uma teoria de direitos fundamentais”, na medida em que o desenvolvimento de qualquer das duas teses consideradas faz deste trabalho “um esforço de desenvolvimento de uma dogmática unitária e abrangente de direitos fundamentais”.

No entanto, garante, o livro “atende devidamente aos diversos factores de diferenciação que influenciam a sua realização prática.”

# Seguro no Porto para falar de cultura

Apostar em políticas culturais que sejam estáveis e que se desenvolvam para além e independente do ciclo político das legislativas foi uma das teses defendidas num encontro que levou o secretário-geral do PS, António José Seguro, ao Porto, no âmbito do programa "As Pessoas Estão Primeiro".

Uma deslocação que serviu para debater com mais de duas centenas de agentes e de personalidades ligadas à vida cultural desta cidade nortenha a problemática do sector, onde o líder socialista ouviu e debateu o estado da cultura na região aproveitando para enriquecer a perspetiva do PS.

Das muitas matérias abordadas neste encontro, os participantes destacaram o que classificaram de "absoluta necessidade" de o país assumir políticas e linhas culturais bem definidas, designadamente na área do ensino artístico profissional e na formação nas escolas de agentes criadores de emprego nas artes e na cultura. Outro dos assuntos que mereceram particular atenção por



JORGE FERREIRA

parte das personalidades presentes foi a lei do mecenato e o acesso a este instrumento de apoio à cultura, não deixando de referir igualmente o que designaram de "excessivo centralismo e burocracia do Estado" que, em sua opinião, tem vindo a impedir a criação artística, o financiamento público nas artes, a melhor aplicação dos fundos comunitários, para além de criar obstáculos à autonomia artística nos museus, nos tea-

tros nacionais e na descentralização da cultura.

Os agentes culturais defenderam ainda a necessidade de o país passar a olhar para a cultura, não como um sector de importância relativa, mas antes como um vetor estruturante para o seu desenvolvimento e como um investimento capaz de potenciar uma sociedade mais moderna e progressiva. ● R.S.A.

## O POEMA DA VIDA DE... ISABEL SANTOS

### Cântico negro

José Régio



"Vem por aqui" — dizem-me alguns com os olhos doces

Estendendo-me os braços, e seguros

De que seria bom que eu os ouvisse

Quando me dizem: "vem por aqui!"

Eu olho-os com olhos lassos,

(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)

E cruzo os braços,

E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:

Criar desumanidades!

Não acompanhar ninguém.

— Que eu vivo com o mesmo sem-vontade

Com que rasguei o ventre à minha mãe

Não, não vou por aí! Só vou por onde

Me levam meus próprios passos...

Se ao que busco saber nenhum de vós responde

Por que me repetis: "vem por aqui!"?

Prefiro escorregar nos becos lamacentos,

Redemoinhar aos ventos,

Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,

A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi

Só para desflorar florestas virgens,

E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!

O mais que faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós

Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem

Para eu derrubar os meus obstáculos?...

Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,

E vós amais o que é fácil!

Eu amo o Longe e a Miragem,

Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! Tendes estradas,

Tendes jardins, tendes canteiros,

Tendes pátria, tendes tetos,

E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...

Eu tenho a minha Loucura!

Levanto-a, como um facho, a arder na noite

escura,

E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém!

Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;

Mas eu, que nunca principio nem acabo,

Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,

Ninguém me peça definições!

Ninguém me diga: "vem por aqui!"

A minha vida é um vendaval que se soltou,

É uma onda que se levantou,

É um átomo a mais que se animou...

Não sei por onde vou,

Não sei para onde vou

Sei que não vou por aí!

"O desemprego jovem de longa duração é tanto ou mais grave do que a crise dos défices orçamentais e da dívida soberana"

## GARANTIA JOVEM



### João Ferreira da Cruz

[joao.ferreiracruz@europarl.europa.eu](mailto:joao.ferreiracruz@europarl.europa.eu)

Há 7,5 milhões de jovens na Europa que não trabalham, não estudam, nem seguem qualquer formação. São jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos. A taxa média de desemprego jovem na UE-27 atingiu 24%, em Janeiro último (Eurostat). O Eurofund estimou em mais de 150 mil milhões de euros por ano, ou seja, 1,2% do PIB da UE o custo económico do desemprego jovem.

Em Portugal, a taxa de desemprego jovem representa 39%, o correspondente a 175 mil pessoas. As medidas do Governo, "Impulso Jovem" e "Passaporte Emprego", não revelam impacto positivo, não contrariam a constante subida da taxa de desemprego jovem e a tendência para que este se torne estrutural. A saída é a fatal emigração, sejam ou não qualificados.

Para evitar estes custos e contrariar o impacto severo no mercado de trabalho das políticas de austeridade e das medidas de consolidação orçamental, os ministros do Emprego e dos Assuntos Sociais da UE aprovaram um pacote legislativo designado Garantia Jovem. São seis mil milhões de euros, previstos no Quadro Financeiro Plurianual, 2014-2020, em negociação entre o Parlamento Europeu, Conselho e Comissão, para financiar este pacote legislativo. O Fundo Social Europeu suportará três mil milhões no quadro dos investimentos previstos para as regiões do nível NUT 2, com registos de taxa de desemprego jovem igual ou superior a 25%; os restantes três mil milhões serão garantidos pelos fundos de Coesão Económica, Social e Territorial.

O "Garantia Jovem" não teria sido possível sem o forte compromisso dos chefes de Estado, dos primeiros-ministros e ministros socialistas, e do comissário europeu para os Assuntos Sociais, László Andor, que defenderam a proposta e garantiram a dotação financeira necessária à sua concretização. Competirá, agora, aos 27 Estados-membros desenhar propostas concretas à empregabilidade jovem, para assegurar, de imediato, a libertação destes fundos.

O desemprego jovem de longa duração é tanto ou mais grave do que a crise dos défices orçamentais e da dívida soberana, combatê-lo significa proporcionar aos jovens uma boa oferta de emprego, educação contínua e oportunidades de aprendizagem ou estágios, após terem concluído a formação ou terem ficado no desemprego.

É uma boa iniciativa que se espera que garanta aos jovens europeus a empregabilidade condigna, evitando que a indignação dos sem emprego cavalgue o quotidiano e mine a sociedade. ●

**“A relação do PS com os movimentos sociais, organizados ou espontâneos, deve ser uma marca distintiva do nosso posicionamento de abertura e modernidade na sociedade portuguesa”**

## O PS E OS MOVIMENTOS SOCIAIS



Carlos Zorrinho

czorrinho

As notícias que dão por certa a morte dos partidos políticos são pela sua natureza muito exageradas, usando uma analogia com a reação de Mark Twain ao anúncio antecipado da sua morte. Isto não significa que os partidos não tenham que se renovar profundamente, integrar as novas dinâmicas de representação e dar uma resposta mais direta aos novos desafios políticos e sociais. Colocar “as pessoas primeiro” significa fazer política com as pessoas e não apenas para as pessoas.

A relação do PS com os movimentos sociais, organizados ou espontâneos, deve ser uma marca distintiva do nosso posicionamento de abertura e modernidade na sociedade portuguesa.

Não nos compete substituir, anular ou controlar os movimentos sociais. Em contraponto, também não nos podemos deixar diluir nesses movimentos, por mais atrativos que eles sejam, sob pena de enfraquecermos o nosso papel estrutural na democracia representativa.

Vivemos um tempo de grande exigência política. Os militantes do PS têm participado ativamente na revolta e na indignação da sociedade portuguesa contra uma maioria de Governo que não cumpriu nenhuma das suas promessas eleitorais e tem vindo a aplicar de forma cega e insensível uma receita económica que conduziu o país à tragédia social e ao desespero económico.

Essa participação é louvável e salutar. Não nos podemos esquecer no entanto que o nosso papel vai muito para além da indignação e do protesto. Somos a base da alternativa e essa alternativa tem que se fundamentar no convencimento dos eleitores para nos darem os votos necessários para fazer diferente.

Temos um Governo sitiado, com medo da rua e incapaz de a escutar. Este facto aumenta a nossa responsabilidade em dar voz à cidadania e em traduzi-la em medidas concretas que possam ser aplicadas quando voltarmos ao governo. Não é tarefa fácil, mas “é quando a luta aquece que se vê a força do PS”. ●

# Portugal em risco de nova estagnação em 2014

Os dados do Banco de Portugal confirmam o agravamento da recessão este ano, afirmou o deputado do PS Pedro Marques, apontando que o primeiro-ministro nada percebe sobre o que se passa com a economia portuguesa.

Verifica-se um “agravamento da recessão, quando ainda se está no primeiro trimestre do ano, ficando assim tão longe a queda de 1% do PIB (Produto Interno Bruto) estimada inicialmente pelo Governo”, sublinhou Pedro Marques, depois de o Banco de Portugal ter revisto em baixa as projeções para o desempenho da economia este ano, com uma descida de 2,3%.

“Estes números confirmam o contexto de forte queda da procura interna e confirmam que Pedro Passos Coelho não percebe nada do que se está a passar neste momento na economia portuguesa”, referiu o deputado, acrescentando que



JORGE FERREIRA

“quando o primeiro-ministro diz que é um presente envenenado a possibilidade do aumento do salário mínimo nacional, tal é não perceber o que está a acontecer com a procura interna”.

Pedro Marques contrapôs que a atual conjuntura económica e financeira determinava a exigência de “outras políticas” e que, por exemplo, “o Governo acompanhasse as negociações com os parceiros sociais para o aumento do salário mínimo nacional”.

Ainda de acordo com o parlamentar socialista, o Banco de Portugal, nas suas projeções sobre a evolução da economia portuguesa, está a advertir que, se o Executivo de direita adotar medidas adicionais de austeridade (metade dos quatro mil milhões de euros em cortes), o país ficará novamente numa situação “praticamente de estagnação” em 2014. ●

## FOTOGRAFIAS COM HISTÓRIA



### SAMPAIO SUCEDE A SOARES

9 DE MARÇO DE 1996

Um dia histórico para a esquerda e para o país. Em cerimónia realizada no Parlamento, Jorge Sampaio toma posse como Presidente da República, sucedendo a Mário Soares. Um socialista rende outro socialista na mais alta magistratura do país. O país era dirigido em São Bento e em Belém pelos valores progressistas. ● J.C.C.B.

